

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Acreditar no Ateliê de Escrita

Giovanni Bombardelli Gabe

Orientadora: Fernanda Spanier Amador

Porto Alegre, 2019

Giovanni Bombardelli Gabe

Acreditar no Ateliê de Escrita

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Fernanda Spanier Amador

PORTO ALEGRE 2019

Agradecimentos

À minha mãe, Maria Padilha, que lutou e me orientou pela minha formação, e, mesmo tendo passado por erros, me ofereceu o caminho de um amor verdadeiro, livre da prepotência e da arrogância, para que sejamos plenos no futuro.

Ao meu pai Joel, o farol do meu caminho, que quanto mais busco a mim mais o encontro. Sou grato por me fez nascer de novo como um guerreiro.

À minha babà Eliana Perrone Tarouco, que lutou para trazer a luz à terra, e mostrou pela sua conduta como superar todos os males, a perdoar nossos erros, a ser leve, humilde, sincero, caridoso, justo, amoroso, forte, e alcançar o esplendor da nossa essência.

À minha mãe Rosi por me colocar com seu amor no mundo.

Aos meus familiares e à minha esposa, que se mantêm unidos para construir bons encontros.

À professora Tania Mara Galli Fonseca, que me ajudou durante o meu processo de iniciação científica durante todo o percurso de minha graduação em psicologia com suas trocas e carinho.

À minha orientadora Fernanda Spanier Amador, trabalhadora a qual esteve aberta para o encontro surpreendente de afinidades potenciadoras.

Aos colegas do Ateliê de Escrita, que fazem o trabalho da saúde ser divertido e prazeroso.

Sumário

Resumo.....	pg. 04
Origem.....	pg. 05
Mudaram As Estações: o problema da transmissão.....	pg. 07
Dispositivo Ateliê de Escrita: uma mecosfera de intensidades.....	pg. 10
Cartografias.....	pg. 12
Dispositivo Livro.....	pg. 15
Dispositivo Clínico: por uma clínica da amizade.....	pg. 19
Acreditar no Ateliê de Escrita.....	pg. 22
Referências Bibliográficas.....	pg. 26
Anexos.....	pg. 28

Resumo:

O Ateliê de Escrita é a atividade de um grupo de usuários da Oficina de Criatividade que acontece dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Na experiência de participar deste grupo, notamos operarem funções além do escrever. Sua atividade, transversalizada pela loucura, pela linguagem escrita e pela clínica, contempla um coletivo de corpos e vozes abertos às palavras e aos afetos sob o signo da confiança e da amizade. A riqueza desta experiência convive com o desafio de sua transmissão. Para testemunhar em defesa do seu modo de operar, resgato os conceitos de máquina abstrata e corpo sem órgãos (CsO), de Gilles Deleuze e Félix Guattari, articulados à esquizoanálise e à filosofia da diferença. Sua maquinaria se posiciona a contrapelo do modo capitalista de produção, exercendo funções clínicas próprias a um agenciamento coletivo de enunciação. Como dispositivo clínico, assume concretude através de enlaçamentos coletivos entre os usuários de saúde mental e técnicos, propiciando a emergência de um corpo singular de consistência criativa a cada encontro. Desta forma, em suas tênues e frágeis linhas de contorno, é o próprio Ateliê de Escrita que opera como suporte à produção de gestos que se colocam ao avesso do niilismo, como aborda Peter Pál Pelbart. Instaurado como agenciamento de corpos trêmulos e delicados de sujeitos abalados pelo sofrimento mental, leva-nos a investir nossa crença no mesmo, fazendo-nos acreditar em sua potência de produção de laços que ao mesmo tempo dão consistência à amizade, à criação.

Palavras chave: Ateliê de Escrita, clínica, máquina abstrata.

Origem

Começamos este trabalho lançando algumas simples perguntas: o que pode o Ateliê de Escrita? Como ele opera no âmbito da política de saúde mental e do centenário Hospital Psiquiátrico São Pedro? Sem possuir respostas prontas ou sabendo que as respostas mais óbvias são apenas um olhar entre tantos olhares, que não abrange a totalidade a experiência, começo pelo mais palpável, o nível dos conhecimentos que são mais comuns e universais, iniciando nossa navegação sobre um oceano macrocósmico de discursos.

A origem da Oficina de Criatividade, como um rizoma, está em um movimento consoante com a Reforma Psiquiátrica. Fundada em 1990 em uma das salas do HPSP, a oficina recebe usuários da saúde mental vinculados ao Sistema Único de Saúde (SUS), internos e externos do hospital psiquiátrico, com o objetivo de realizar atividades expressivas. Nela foram criadas oficinas de pintura, de escultura, de bordado, e de escrita. Suas obras criam uma memória além dos ditames da loucura e dos prontuários, definindo como um território de testemunho o “Acervo de Obras Expressivas de Imagens do Inconsciente”. O grupo de escrita coagula e se forma com as pessoas que encontram afinidade na potência de escrever e na sua participação, que acontece nas quartas-feiras à tarde.

O Ateliê de Escrita (AE) teve sua origem no ano de 2006, reunindo participantes da Oficina de Criatividade (OC) do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), e outros interessados, para constituir um grupo de escrita. Sua importância está além da produção literária, pois busca constituir um espaço de acolhimento da expressão, construindo um coletivo de corpos e vozes com aqueles que perderam sua potência de vida no momento em que foram subjetivados por discursos de patologias médicas e pela exclusão social. A sua memória testemunha lugares díspares e tempos anacrônicos, dos quais os sujeitos podem criar um novo território de compartilhamento de suas vidas durante a experiência de participar desse grupo e da escrita. Os enunciados¹ nos atravessam por encadeamentos

¹ As palavras e as coisas é como Foucault intitula seu livro sobre os encadeamentos discursivos e não discursivos dos quais estão interligados por familiaridade os enunciados que constituem um recorte de **nosso** tempo (Deleuze, 2005). Tomamos como exemplo a noção de povo ao estado Romano antes e depois do fim do império. Para os imperadores, o povo era um animal que precisava de pão e circo, e não importava o teor de violência que sua diversão poderia conter. Os gladiadores no coliseu **eram** sua maior atração, sendo devorados por leões ou mesmo assassinados entre si, eram tratados apenas como propriedades de

discursivos, visíveis nos diagnósticos de transtornos mentais de quem participa e circula pela OC, e não discursivos pela produção capitalista, pela função da arte dentro do mercado capitalista, pela disciplina de horários, de portas chaveadas, de acessos a espaços dentro de um hospital psiquiátrico do qual usufruímos na potência do seu cenário.

Carregamos essa experiência enquanto participantes e pesquisadores. Estamos vivenciando um fluxo, sendo deslocados para territórios mais propícios de acordo com as transformações políticas, econômicas e ambientais. Passamos por algumas salas do centenário pavilhão da HPSP, do qual foi construído para ser uma ala cirúrgica e se tornou um espaço de pesquisa e criação. Seus azulejos preenchem as paredes, algumas macas ainda permaneciam no local, assim como instrumentos cirúrgicos antigos permaneciam pregados no teto, guardando com sua aura a história da loucura. Lá havia se instaurado a Oficina de Criatividade. Escrever contagiado pelo ambiente era uma das formas de contar aquilo que fora esquecido, a vida de um hospital que foi abandonada sobre um prédio em ruínas. Quando saímos do térreo e fomos para o segundo andar, brincávamos que tínhamos “subido na vida”, sendo promovidos para um lugar mais próximo ao céu. Antes de cair o telhado da sala onde ocupávamos, já havíamos feito diversos encontros no pátio, pois sempre estivemos em busca de um lugar ao sol nos invernos e uma brisa fresca nos verões, e podíamos escolher nosso lugar. A perda desse território, a partir do choque de um desastre, demonstra um aspecto importante do AE, como se fossemos um grupo nômade: estamos sempre sofrendo processos de desterritorialização. A vida insiste em buscar sua potência, e, mesmo inundados sobre dunas de um deserto sempre remanejado pelo vento, encontramos um oásis no nosso território de criação. Nesse pequeno espaço e tempo em que nos reunimos, estamos prontos para compartilhar a nossa vida, em um ambiente de escuta e de produção de sentidos.

É com esse espírito que o AE se abre para a novidade dentro da repetição de seus encontros. Atualmente, ganhamos uma mesa oficial dentro da nova Oficina de Criatividade. Nem sempre cabem todos os participantes nela, dependendo do dia

donos de escravos. Suas vidas eram tratadas como hoje tratamos um bom cavalo de corrida, seu valor era subordinado aos mecenas dos quais negociavam a partir da sua resistência à luta e suas destrezas. Com a advinda da moral da religião cristã com o imperador Constantino, alguns valores foram transmutados, o povo, principalmente as crianças, precisava ser educado, e assumir um compromisso com a sua individualidade e com as leis. O sujeito passou a se tornar cidadão de direitos e deveres. Assim, os enunciados mudam de acordo com seus encadeamentos discursivos e não discursivos.

precisamos manejar algumas cadeiras. Nos dias quentes de verão, vamos para outra sala, que possui ar condicionado ou promovemos um pequeno deslocamento do grupo até a sombra de uma árvore no pátio. Sair do ambiente do qual os usuários da OC estão sempre trabalhando pode ser um dispositivo clínico interessante para deslocar algumas tensões vividas durante a outra oficina. Juntos, muito além de acumular produções literárias, conquistamos o desejo de participar dessa experiência, no paladar do corpo com as palavras e na sua partilha com o grupo. Sentimos a vontade de viver o Ateliê de Escrita no seu “eterno retorno” (DELEUZE, 1988).

Mudaram as Estações: o problema da transmissão da experiência

“Todos os dias quando eu acordo, não tenho mais o tempo que passou, mas tenho muito tempo. Temos todo o tempo do mundo. Todos os dias, antes de dormir, lembro e esqueço como foi o dia. Sempre em frente. Não temos tempo a perder...”

Renato Russo, Tempo Perdido

Se no sentido cronológico podemos notar que o tempo passa, e nessa passagem estamos sempre vivendo uma mudança, no sentido anacrônico notamos que o tempo se repete. Em sua repetição, aos poucos, alguns elementos são deslocados, e não poderemos mais contar àquilo que é por meras semelhanças. Testemunhar uma experiência está no meio do caminho (limiar) entre o que jamais existirá, e do que poderá vir a ser. Enquanto a vivência nos traz um alívio de que estamos resguardados pelo tempo do presente, vivos e movidos pelos acontecimentos em todas as suas sutilezas, a experiência² capturada pelo testemunho se abre para um extremo oposto. Um mar de aflição do qual teremos de navegar sobre os mais variados ventos, rotas de um mapa, estratégias, pontos de parada e linhas de fuga. Nem sempre conseguimos chegar aonde gostaríamos, e manter-se apegado à direção de uma rota pode ser um dos maiores perigos para se perder, ou mesmo estagnar, pois navegar implica necessariamente em sofrer as intempéries dos mais variados desvios. Quando se chega no seu fim, seja de um texto, de uma experiência, quem irá

² A diferença entre vivência (Erlebnis) e experiência (Erfahrung) é abordada na obra do filósofo Walter Benjamin. “Os adultos, para Benjamin, gabam-se de sua experiência, a qual é esvaziada de sentido quando, segundo o filósofo, restringe-se à mera vivência individual (Erlebnis), em uma sucessão interminável do mesmo, em um cotidiano petrificado. O vazio dessa vivência individual é engendrado por uma ação que se limita a si própria; a qual não faz outra coisa senão repetir a história e reificar a ordem. Ela tende, na verdade, ao apagamento da experiência que a precedeu”. (PIRES, 2014)

garantir que lembramos com fidedignidade aos fatos àquilo que se passou? Cada desvio, técnica utilizada para voltar aos trilhos, cada conquista. O tamanho de um peixe pode variar de acordo ao tamanho da fome, aos olhos de um pescador.

Arquivar e testemunhar nossas experiências é uma grande problemática, da qual tem tomado nosso grupo de pesquisa durante anos.³ Foi um longo caminho: aquilo começamos não corresponde com o que estamos nos tornando. Nossa cara mudou, nossas preferências e percepções se tornaram outras. Às vezes, não gostamos muito de pensar no passado, sentimos vontade de esquecer aquilo que parece ter sido apenas um “tempo perdido”⁴. Precisaríamos salientar que tudo foi importante, mesmo os desencontros que nos bloquearam e diminuíram a potência de agir, para chegar até onde estamos e pensar: no que nos tornamos?

Transmitir uma experiência exige um esforço duplo, pois absorvemos a vivência dos nossos afetos e precisamos traduzi-las em testemunho. Não conseguimos pensar sozinhos, muito menos escreveríamos nossos pensamentos apenas munidos de uma criatividade individual. Pela linguagem damos sentido àquilo que já se tornou ausência e podemos buscar a satisfação de renovar aquilo que já fizemos. É um processo de atualização enraizado no “tempo de agora”⁵, como um “cone invertido” (BERGSON, 1990) que está tocando sua percepção no presente, influenciada pelas lembranças das camadas do passado e na potência daquilo que permanece ausente de forma a renovação do que está porvir. Não somos apenas constituídos de matérias sólidas e de conceitos consolidados. Formamos nosso mundo a partir da linguagem e da história, pois, por mais curtos que sejam nossos olhares perante as questões que atravessam nosso tempo,

³ Fazemos um coletivo de pesquisadores no grupo de pesquisa “Corpo, Arte e Clínica”, orientado pela professora Tania Mara Galli Fonseca, do qual se ocupa dos processos de subjetivação e das linhas de forças inconscientes que se situam nas esferas da loucura, da arte e do testemunho da história. Trabalho no AE desde meu vínculo como bolsista de Iniciação Científica do CNPq da pesquisa “Potência Clínica das memórias da loucura”,

⁴ Um dos temas do Ateliê de Escrita de 2018 foi sobre a música “Tempo Perdido”, de Renato Russo. Após ser tocada no violão, cada um dos participantes descreveu aspectos que os tocaram da música.

⁵ “A história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de “tempo de agora” (Jetztzeit). Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “tempo de agora” que ele fez explodir para fora do *continuum* da história. A revolução Francesa via-se como uma Roma ressurrecta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário do passado.” (Benjamin, P. 249)

podemos escavar o presente e encontrar a genealogia de seus entrelaçamentos com o passado.

Pensamos que a memória se situa em um campo aberto de possíveis dos quais podemos ressignificar a partir da produção de narrativas. Os encontros do AE se confrontam com os territórios habituais que vivenciamos, operando, como uma máquina abstrata, uma composição a partir de um estado de desterritorialização. A abertura ao imprevisível e a criação de um território que se repete a partir da vontade de novidade, abrangendo a diferença, são características fundamentais deste grupo.

No diálogo entre Sócrates e Fedro, Platão explicita a função da arte de escrever. O teor de quem lê um discurso pode ser mais persuasivo do que seu conteúdo. Desde o começo do diálogo, vemos algumas necessidades da qual Sócrates salienta para começar a leitura de um discurso. Primeiro é necessário trabalhar com a espontaneidade do encontro, e buscar a potência dentro de suas variantes: o clima estava propício para dar uma volta além dos muros da cidade, mas o calor era demasiado forte, então os amantes de discursos sugeriram subir para o alto de um morro, e sentar na sombra de uma árvore grande, deitando sobre a grama escorados em uma pedra. Nossa questão não depende do conteúdo dos discursos de Sócrates, Lísias e Fedro, nem do niilismo de Sócrates perante a escrita. Precisamos pensar com a perspectiva de nosso tempo como pensavam outrora sobre como operavam os escritos, antes da imprensa de livros, dos computadores e da internet. Nem mesmo os Deuses, Toth para os Egípcios, garantem benefícios para a arte de escrever. Como um “pharmakon”, ela pode tanto conter o remédio para nossa memória, quanto o veneno para nosso esquecimento. É necessário buscar a temperança na medida que exercemos essa arte. As sutilezas carregadas por cada um dos participantes do Ateliê de Escrita, junto com as questões que atravessam o tempo de agora, são os planos de composição para o agenciamento dessa oficina. O escrito, já impresso no dispositivo livro, surge como um decalque de um campo fluído de intensidades, do qual se materializa na leitura de cada participante para os outros, e se expande como imagens para um plano imaterial de contágio imensurável, o inconsciente figurativo.

“[A imagem] é origem de linguagem e não seu abismo, ela é começo falante, mais do que o fim no êxtase, não elevando o que fala na direção do indizível, mas colocando a palavra em estado de elevação. [...] Só o que nos põe ao nível do poder poético é o ressoo, apelo da imagem ao que há de inicial nela, apelo que nos insta a saímos de nós e a nos movermos no abalo de sua imobilidade. O “ressoo” não é, portanto, a imagem que ressoa

(em mim, leitor, a partir de mim), ele é o próprio espaço da imagem, a animação que lhe é própria, o ponto de jorro no qual, falando dentro, ela já fala inteiramente fora. ” (BLANCHOT, M. “Vaste comme la nuit”. L’Entretien infini. op. cit.: 470-472) (Apud DIDI-HUBERMAN, 2011)

Dispositivo Ateliê de Escrita: uma mecosfera de intensidades

Nos situamos enquanto pesquisadores do AE em uma posição híbrida de participantes e coordenadores, nunca mais uma que a outra. Nossos interesses por escrever eram maiores do que o de ter um grupo do qual fossem os maestros, e se mantiveram nesse espaço também enquanto pesquisadores pois sentiam suas potências expandirem aos encontros com esse grupo. É uma mistura de um excesso de sensações que aproxima os participantes, da qual repercute na sua função clínica e estética.

“Nossa clínica da escrita parece nos oportunizar esses momentos de mergulhos no plano das sutilezas de vagas luzes que não conseguiríamos perceber no turbilhão de estímulos com que somos bombardeados diariamente. ” (GARAVELO; FONSECA. 2016.)

Inspiramos aquilo que os filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari dizem que pode surgir entre dois ou mais estratos, o campo de composição que uma estrutura pode ter com a outra é totalmente diferente da própria estrutura. É notável o caráter “esquizo” do dispositivo do Ateliê de Escrita, de estar em uma posição inclassificável, entre dois ou mais estratos. Não se trata apenas de uma oficina que teria por objetivo formar escritores e publicar livros, e nem apenas uma oficina terapêutica, como um dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), a fim de sanar o sintoma das patologias mentais pela arte-terapia. Ela brota como um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995), a partir de um lugar imprevisível. Desterritorializado da oficina de artes, por ser uma ênfase na escrita, da qual necessita de um ambiente apropriado, ela surge com sujeitos que também querem encontrar algum território seu no mundo. Reterritorializa-se em um grupo menor, comportando o diálogo com o silêncio propício para escrever, uma mesa ou roda para conectar a vontade da matilha. Tudo acontece como um passe de mágica, em um momento estamos falando alto e dando risadas, outro discutindo assuntos do cotidiano, e em outro, completo silêncio ouvindo apenas o rabiscar das canetas sobre o papel. Unimos a vontade de cada um nos abrindo a um fluxo de criação, deixando levar ao papel como se esse fosse o estado natural do ser durante aquele tempo. Seu agenciamento de devir-escrita, tocando em cada participante uma nota, particular como o somido de um

instrumento do qual elabora sua partitura. A perspectiva do agenciamento soa como um maestro invisível e observador que conduz sua orquestra para o seu clímax, equilibrando os pequenos momentos de troca de xícaras de café, de conversas, de cuidados, de olhares, com palavras sutis que condensam a vida. Seu território compõe uma atmosfera à parte e, na sua potência de diferença dentro da repetição⁶, se criam novidades em todos os encontros.

“A superfície de estratificação era um agenciamento maquínico que não se confundia com os estratos. O agenciamento ficava entre duas camadas, entre dois estratos, tendo portanto uma face voltada para os estratos (nesse sentido era um interestrato), mas também uma face voltada para outro lugar, para o corpo sem órgãos ou o plano de consistência (era um metaestrato).” (DELEUZE; GUATTARI, 1995)

A Máquina Abstrata é composta por duas palavras, *máquina*, que sugere um meio de transformação concreto de uma energia em outra, e *abstrata*, que sugere a existência além dos estratos, se situando num limiar entre as formas e o desconhecido. Pensamos em uma atuação da não-forma, na consistência de espaços lisos que são liberados, abrindo os fluxos da matéria para um campo de conexões, intensidades, vizinhanças e devires. Atuação é nos estratos, mas no limite de sua desterritorialização e territorialização, ou seja, sua captura não se dá a partir da razão, mas os afetos acabam sendo reterritorializados, formando uma própria geografia e seus diagramas conectivos.

“Num primeiro sentido, não existe a máquina abstrata, nem máquinas abstratas que seriam como Ideias platônicas, transcendentais e universais, eternas. As máquinas abstratas operam em agenciamentos concretos: definem-se pelo quarto aspecto dos agenciamentos, isto é, pelas pontas de descodificação e de desterritorialização. Traçam essas pontas, assim, abrem o agenciamento territorial para outra coisa, para agenciamentos de um outro tipo, para o molecular, o cósmico, e constituem devires. Portanto, são sempre singulares e imanentes. ” (DELEUZE, GUATTARI, p. 227, Mil Platôs 5)

⁶ Como um Ritornelo, conceito presente no volume 5 da obra Mil Platôs, do qual compara a música com três movimentos, o de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Ao som metálico do jazzista John Coltrane, tomamos como exemplo a música Blue Train. Seu primeiro compasso é claro, sabemos como ela começa, mas esse é a sua pista, para decolar com o solo de sax, e depois de toda a banda voltar juntos à aterrissagem na mesma melodia, como o conforto da nossa casa após voltarmos de uma [viagem](#), ou de um dia exaustivo. (TRINDADE, 2015)

A máquina abstrata é uma máquina de transmutar. Sua essência é o desvio, e sua busca é o inatingível, o que não faz dela inexistente. Ela existe no limite do que pode acontecer, na borda dos estratos, ocupando o limiar entre o fora e o dentro, entre a vizinhança e a estrutura. Seu espaço é o Corpo Sem Órgãos(D&G, Mil platôs 3), e seu tempo é anacronicamente intensivo. Sendo ela sem formas, sua produtora é sempre $n+1$, e seu produto $n-1$. Escreve-se com alguma força a mais, que no seu resultado fica oculta, precisando encontrar na rememoração uma das possíveis perspectivas do que compõe seu $n-1$, sendo condicionada a uma nova escri-leitura. A Máquina Abstrata não é grande por tamanho, mas por potência, o que tornará mais intenso o campo de afetos de sua interferência.

Para pensar a máquina abstrata como Ateliê de Escrita, precisamos pensar em um ambiente de forças e tensões que opera como uma Mecanosfera. Máquinas estão espalhadas por todos os lados, e a linha onde começa uma máquina pode ser no final de uma outra. O seu tempo intensivo não nos permite comparações extensivas, pois não estamos tratando de um espaço delimitado.

“Os principais estratos que aprisionam o homem são o organismo, mas também a significância e a interpretação, a subjetivação e a sujeição. São todos esses estratos em conjunto que nos separam do plano de consistência e da máquina abstrata, aí onde não existe mais regime de signos, mas onde a linha de fuga efetua sua própria positividade potencial, e a desterritorialização, sua potência absoluta. Ora, a esse respeito, o problema é o de fazer bascular o agenciamento mais favorável: fazê-lo passar, de sua face voltada para os estratos, à outra face voltada para o plano de consistência ou para o corpo sem órgãos. A subjetivação leva o desejo a uma tal ponte de excesso e de escoamento que ele deve ou se abolir em um buraco negro ou mudar de plano. Desestratificar, se abrir para uma nova função, *diagramática*.” (D&G, p. 94, Mil platôs 2)

Cartografias

No sentido das formas e dos diagramas, os conceitos de espaço liso e estriado⁷ nos sugerem olhar aos fluxos que escapam durante os encontros. Percebemos que o Ateliê

⁷ O espaço liso e o espaço estriado são conceitos presentes na obra de Gilles Deleuze e Felix Guattari, Mil Platôs, especialmente no quinto livro da edição traduzida em português. No espaço estriado, teríamos um modo ou ferramenta de captura voltado para classificar, medir e comparar, própria de um pensamento lógico e generalizante, que não nos dá a coisa em si, mas o conceito universal da mesma; Exemplos: plano de organização, sistema arborescente. Já no espaço liso, emerge um amorfismo impróprio às comparações,

de Escrita é um espaço aberto, como o jogo chinês “Go”, que se cria de acordo com o território. Dependendo dos participantes, das características do dia em que nos encontramos, e de outros diversos fatores, o Ateliê nunca é o mesmo, mesmo repetindo alguns fluxos parecidos. Exploro algumas pistas das linhas que compõe o agenciamento da minha experiência no grupo:

Transitar: Há fluxos das pessoas que vêm com suas mochilas, ou malas, falando consigo, resmungando alto algumas coisas do dia. Há alguns que parece que rastejam, com as costas curvadas, passos curtos parecendo centopeias, que eventualmente catam algum objeto de interesse no chão, bitucas de cigarro, panfletos e embalagens velhas. Outras esperam desde o término do almoço do hospital o “começo da aula”. Seu destino é interrompido por uma porta chaveada, que é liberada à chegada dos organizadores do AE.

Armar: Se o dia está ensolarado e é frio, instauramos a mesa no meio do pátio da Oficina de Criatividade. Se está chovendo, vamos para a sala da pintura da Oficina⁸. Assim, assentamos um território, para onde vamos começar, a partir da sensibilidade e da disponibilidade do dia. Cada participante se mune com papel e caneta, e uma xícara para beber água e/ou café. Eventualmente, alguém leva lanches, como bolachas, balas, para acompanhar a inspiração. Todos esses são preparativos para estar armados para o desafio entre o papel em branco e nossos pensamentos.

Distrair: Uma conversa trivial pode ser a fonte mais apropriada para a conquista de um tema, mas sua essência está no convívio. Distrai-se como o alívio de uma tensão, de uma pressão oriunda do que precisamos esquecer, ou mesmo como se não conseguíssemos aprimorar nosso foco para o que precisamos questionar. Por vezes, os fluxos estão muito intensos e é preciso criar uma saída para sintomas sem saída. É um grupo que consegue

fragmentário por excelência, próprio ao pensamento movente e intenso. Exemplos: plano de composição, mar, máquina de guerra, rizomas. Liso e estriado se mesclam na composição dos corpos, compõem e decompõem os territórios de forças que os transversalizam, tornam possível a formação de formas e ao mesmo tempo sua impermanência, operando, neste seu vai-e-vem, estratégias de atualizações dos virtuais e de virtualizações dos atuais nos agenciamentos.

⁸ Em vista a modificação do espaço da Oficina de Criatividade, pela queda de um de seus tetos onde a abrigava, o espaço em que os encontros do Ateliê de Escrita acontecem variam de acordo com a disponibilidade.

conciliar momentos de seriedade com os de dar risada e ainda dar suporte para alguém que está em sofrimento no momento.

Silenciar: A escrita exige silêncio. É o tempo de hesitação, de demora, de submergir no fluxo das intensidades. É notável quando todos estão concentrados escrevendo, apenas um burburinho ressoa das canetas de cada um. Contemplação das vibrações, das conexões, das metáforas da escrita. A escuta do cortador de grama, do vento balançando as árvores ou das vozes distantes estão presentes nesses escritos.

Ler: O momento de leitura não é obrigatório a ninguém, no entanto, mesmo àqueles que não escreveram nada, surge a vontade de ler alguma coisa. Vontade que sustenta o movimento coletivo, quando tal participante, como chamamos de escritor iletrado, não escreve, porém, traduz o que veio fazer ali por meio de discurso improvisado. Começamos a ler apenas quando todos acabaram de escrever. Ao compartilhar nossos escritos, encontramos nossas indagações nos outros e sentimos reverberar a voz de um coletivo. Às vezes, temos escritores que instauram na sua linguagem a gagueira, a repetição. Eles leem suas letras: ataca, rrrrrr, ooooo; ou repetições: Lili, lala, lelé, lolo.

Desarmar: momento em que toda a estrutura do Ateliê é recolhida, as cadeiras devolvidas aos seus cantos, os papéis às estantes e a mesa a seu centro. Alguns se abraçam, esperam para continuar juntos, pelo pátio, até a saída do hospital.

Nossa guerra está dentro de um Hospital Psiquiátrico porque estamos ao avesso de toda instituição. Nossos personagens não são os principais, não estamos aqui para descobrir gênios ou grandes artistas, muito menos para interpretar a doença de todo mundo. O plano da máquina é diferente do plano do enquadramento manicomial, mesmo se utilizando de territórios parecidos, de sentidos sobre nossas patologias. Podemos nos perguntar de maneira profunda, o que é a loucura? Uma placa pendurada na parede da oficina diz: “somos todos loucos, uns pelos outros”. O filósofo Nietzsche dizia: “com questões profundas, precisamos tomar apenas um banho gelado”. Podemos buscar entender de onde vem e porque nos acomete a loucura, mas o afeto que agencia esse espaço tem a potência de ressignificar histórias, se encontrar com as partículas moleculares de cada acontecimento singular. Escrever-com (e não apenas estar junto) é habitar zonas de vizinhança, territórios de troca entre partículas que mantêm a abelha em devir com a flor, a xícara de café em devir com a partilha de uma colher de açúcar.

Dispositivo Livro

Uma outra língua surge dentro da nossa “língua mãe” (DELEUZE; GUATTARI, 1977). Uma língua que não se baseia pela gramática, seu reconhecimento está na intensidade dos modos com que é pronunciada. A máquina abstrata agencia devires e à escrita fica sucumbida a difícil tarefa de expressá-los. Se pensamos que para falar precisamos de uma máquina-boca, para escrever precisamos muitas outras máquinas interligadas. Instaurar o ponto em que a língua escrita assume o papel de uma língua vocalizada, irradiando seus devires, suas pausas, suas hesitações, suas gagueiras, como marca da mistura dos corpos e seus agenciamentos.

“Assim, a oralidade remete à profundidade e mistura dos corpos, aos ruídos que ainda não se separaram dos sons, os sons que ainda não são articulados, todo um “sistema sonoro pré-vocal”. Em seguida, ele se refere ao “progresso do vocal sobre o oral”, o que seria a “passagem do ruído à voz”, a aquisição da linguagem: o acontecimento, diz ele, que fará da voz uma linguagem. De modo que, em Deleuze, seria mais pertinente a utilização do termo vocalidade, ao buscarmos uma palavra que favoreça nossa tentativa de ultrapassar a distinção discurso falado X escrito e, ao mesmo tempo, possa nos aproximar da ideia de uma presença do som da voz nas linhas aparentemente (ou empiricamente) silenciosas do papel.” (MALUFFE, 2010)

Quando se escreve um trabalho acadêmico, estamos sujeitos ao dispositivo que rege suas normativas. Quando se escreve um livro, buscamos direcionar nossa escrita a um grande público, ao anonimato, que se comova com seu enredo, a verossimilidade de seu conteúdo, avaliada pela crítica, seja pelo cânone da literatura ou pelos apreciadores da literatura marginal. Quando escrevemos durante o Ateliê de Escrita, estamos sujeitos a um dispositivo à parte de qualquer outro, que insurge no momento que nos encontramos e encerra no seu término. Escrevemos o que nossos colegas vão ouvir, sintonizados pelos afetos discutidos e elaborados durante o encontro, a partir da sugestão de qualquer um dos participantes. Podemos não escrever e apenas participar, ou explicar os motivos que não conseguimos escrever naquele dia. Durante a leitura desses escritos, sentimos algo

que poderia ser explicado como um “inconsciente maquínico”⁹, do qual um escrito se une ao outro, compondo em múltiplas narrativas os afetos que atravessam os sujeitos.

“A literatura não existe apenas em um espaço de circulação socialmente reconhecido, mas pode acontecer em lugares inesperados e impensados. A atenção recai, nesse caso, sobre o que desloca a literatura dos lugares regulares instituídos - bibliotecas, livrarias, escolas, universidades, academia de Letras, entre outros espaços reais e simbólicos de consagração de obras e escritores. A indagação então se volta para outras posições do literário, em espaços marginais, tais como favelas, presídios, campos de refugiados, manicômios, entre outros. São espaços que poderíamos chamar de residuais, pois comportam aquilo que sobra, o que é descartável, o que não se aproveita, o que é lixo, mas, ao mesmo tempo, contém uma potência transformadora capaz de fazer germinar algo novo. Esses são espaços de desvio, tensões e conflitos, sem fronteiras e regularidades precisas, os quais produzem modos peculiares de subjetivação, uma expressividade literária “fora do lugar” convencional da literatura. Olhar para os textos produzidos nesses espaços exige uma crítica política, capaz de mostrar as divisões, as hierarquias, os privilégios, os mecanismos produtores das desigualdades nos modos de ver e conhecer o mundo.” (Oliveira, 2018)

Replicar a experiência de um dispositivo empírico para outro, um livro, se torna um grande desafio. Como ler a experiência do AE a partir de outro lugar? Precisaria explicitar que essa é uma experiência atravessada pela loucura e pela exclusão social, ou talvez um grupo qualquer, constituído pelo simples processo de escrever com pequenas pretensões? Qual é a distância do vazio que resguarda a prateleira de um livro consagrado pelo cânone literário, de um Mallarmé, Rimbaud, Proust, à prateleira daquilo que constitui “Exercícios de uma literatura menor: Um Olhar Atelial” (2014). A publicação busca expandir o contágio do AE, adequando sobre a estética do livro um modelo que represente a aura dos envolvidos. Seu conteúdo não consta apenas de poesias, crônicas, diários, mas principalmente de afetos vividos por portadores de sofrimento mental que encontram no hospital psiquiátrico um refúgio para poder expressar e ressoar seus sintomas com uma atmosfera de escuta, paciência e respeito. Podemos sentir reverberar a força de quem luta contra o enclausuramento, contra a lógica manicomial que percorre dentro e fora dos muros, dos princípios da reforma psiquiátrica. É um

⁹ Muitas vezes o nosso pensamento é um atravessamento agenciado pelo ambiente. São partículas a-significantes que articulam pelas forças do fora, nos subjetivando, e mais de uma pessoa acaba tendo o mesmo pensamento, ou mesmo expressando as mesmas coisas inconscientemente em um grupo de escrita.

conteúdo para além de sua expressão literária, mas que a utiliza como estratégia para percorrer uma linha de fuga. Seu livro deve ser lido como um plano que, naquele contexto, deu certo e sua usina só permanece ativa, girando e renovando seu material a cada semana, pois está sendo sustentada por uma egrégora de participantes, que podem ser qualquer um.

Não se trata de pensarmos sobre o ponto de vista dos estratos¹⁰, do conteúdo do qual expressamos e que carrega a substância das nossas categorias, de nossos privilégios sociais, de nossa disposição perante uma grande literatura e compará-la com uma outra pequena. Estamos a contrapelo da literatura marginal, pois esta categoria se refere a algo muito posterior, o produto-livro, do qual nem nos lembramos de que um dia poderá vir a se formar. Existe algo que escapa dos livros, que situamos como aquilo que foi perdido na experiência. Em busca disso que foi perdido está o grande aprendizado, que talvez só chegará no seu final, quando tempo for redescoberto, e voltaremos a valorizar os pequenos fluxos dos afetos que compartilhamos. Não estamos aqui para enaltecer uma imagem salvacionista, daqueles que trabalham com os ditos loucos, doentes ou marginalizados para se sentirem heróis ou heroínas, ou mesmo engrandecer a loucura como se comportasse a essência de grandes gênios da arte, e que seu sofrimento resumisse o sentido de ser um grande artista.

“ Os muros que agregavam os artistas no alto do monte e que serviam de fortaleza, castelo, mas também de masmorra, agora não passaram de altas toiças de mato a dançar com os ventos das tendências, dobrando-se diante do menor movimento, impedindo qualquer transgressão. O eclipsar do cânone sobejo e garboso que colapsou um processo autofágico finda por defrontar-se com novo colapso: como transgredir o cânone quando o cânone é a transgressão?(Costa; Fonseca, 2013) Diante desse novo campo de estrias

¹⁰ “Chamava-se matéria o plano de consistência ou o Corpo sem Órgãos, quer dizer, o corpo não formado, não organizado, não estratificado ou desestratificado, e tudo o que escorria sobre tal corpo, partículas submoleculares e subatômicas, intensidades puras, singularidades livres pré-físicas e pré-vitais. Chamava-se conteúdo as matérias formadas que deviam, por conseguinte, ser consideradas sob dois pontos de vista: do ponto de vista da substância, enquanto tais matérias eram “escolhidas”, e do ponto de vista da forma, enquanto eram escolhidas numa certa ordem (substância e forma de conteúdo). Chamáramos de expressão as estruturas funcionais que deviam, elas próprias, ser consideradas sob dois pontos de vista: o da organização da sua própria forma, e o da substância, à medida que formavam compostos (forma e substância de expressão). [...] Conteúdo e expressão eram as duas variáveis de uma função de estratificação.” (D&G, mil platôs 1 p 75-76)

esboroadas, varado de alisamentos e aberturas, muitos dos que antes eram alijados dos círculos centrais das artes e que habitavam suas periferias passaram a, por vezes, tensionar tais limites e a ser finalmente incluídos em um paradoxal gesto de decodificação-codificação. Quando o maldito habita o coração do sistema, quando o underground define o mainstream, quando a contracultura é abraçada pela cultura, vemos a constituição de uma nova dinâmica de estrias e (de) codificações próprias de nossos tempos, por vezes, fluidos e paradoxais. ” (COSTA, 2018)

Poderiam dizer que esse dispositivo é frágil e que necessitaria de um trabalho mais elaborado a partir de seus colaboradores, para trazerem outras propostas, mais livros de referências, mais técnica de escrita e um direcionamento para a publicação. A areia dos nossos escritos passa pelos dedos de nossas mãos e levamos para casa apenas os restos que grudaram no seu suor. Aquilo que não conseguimos capturar pode soar como uma fragilidade, no entanto, podemos sentir que o agenciamento do Ateliê de Escrita não é composto apenas por um. Nos organizamos em um espaço aberto e construímos o que seus participantes trazem, de uma maneira que nunca saberemos seu resultado. Apesar dessa flexibilidade, as “bordas” desses encontros estão firmes, e, em seu modo de operar, trazem a segurança de que vamos conseguir passar pela experiência e inspiram a confiança para que todos se sintam participantes de um mesmo grupo. Não é porque somos **desleixados** com esse grupo que agimos dessa maneira. Na verdade, estamos muito implicados em cuidar sem violar, compondo com o Corpo sem Órgãos (D&G, Mil platôs 3) que ultrapassa todos os participantes e agencia nossos encontros. Queremos saturar nossas escritas a partir de afetos que envolvem confiança, amizade¹¹ e alegria.

¹¹ “O conceito de amizade deve aqui ser entendido com o que Nietzsche chama de Spielraum, palavra que pode ser traduzida em português como jogo, manobra, vivência de algo em comum.” (BUENO; PASSOS. 2016)

“Ao contrário, a amizade é uma condição para que o pensamento se exerça. Mas isso não quer dizer que a amizade seja um pressuposto do pensamento, pois ela começa junto com o pensamento. A amizade, falando com mais propriedade, é uma condição interna ao pensar, no sentido definido por Deleuze e Guattari, como “presença intrínseca ao pensamento”. Somente enquanto os amigos da sabedoria estão em posição de diálogo, isto é, estabelecem entre si certa disputa quanto à verdade de um tema ou conceito, pode-se dizer que há filosofia e aprendizado. **Não pode haver pensamento sem o amigo.**

“Ser amigo, em nossos dias, não significa estabelecer diálogo, posto que a amizade, como modo de vida, entrou em uma espécie de campo perigoso dentro do qual seus movimentos se tornaram suspeitos. Isso porque a interlocução que podia haver entre amigos está minada por uma insana produção discursiva que

Direcionamos a nossa criação a partir do mais sutil de cada um e seu resultado mais consistente é ver que esse grupo permanece ativo. São participantes que passam por um regime da doença, e agora implicados na construção da saúde do grupo.

Dispositivo Clínico: por uma Clínica da Amizade

Em um dos encontros do ano de 2018, sentamos na mesa do Ateliê de Escrita cerca de 9 pessoas, todos com uma caneta e um papel a postos. Uma das participantes anotou, como se fosse um título, “Terapia da Escrita”. Foi perguntada a ela o que pensava ser isso, ao que respondeu que considerava esse lugar era uma das terapias da qual envolvia escrever. O grupo achou interessante ter este título como tema para aquele encontro. O que seria uma “terapia da escrita”? A participante tem preferência nos seus escritos por escrever em forma de cartas, principalmente à sua filha. Cada um pode escrever da forma que desejar nos nossos encontros, alguns trazem relatos, poemas ou crônicas. Outra participante não gostou desse tema, e, por conta própria, escreveu sobre racismo. Mesmo não tendo escrito o tema sugerido pelo grupo, seu texto trazia uma história da sua vida e pediu durante a leitura para que outro participante lesse seu escrito, pois não conseguiria ler sem chorar. É difícil encontrar um grupo que acolha nossos sintomas ou mesmo que abarque a proposta de todos.

Percebemos na continência dos participantes do AE as repetições de seus traços, nos modos de se expressar que insistem. Por mais que nosso propósito não esteja voltado para uma análise clínica de cada caso, as experiências de escrever coletivamente contribuem para um processo de singularidades que encontram sua potência clínica no coletivo de vozes e afetos compartilhados pela operação da escrita. Não queremos remeter cada paciente a mitos edípicos, com vistas de revelar o núcleo do recalque a partir do sintoma de seus escritos. Percebemos alguns exemplos: quando a linguagem está demasiado presa no relato do real, expressando a vivência insistente da percepção do sujeito e seu medo de perseguição do mal da humanidade enquanto um “grande outro”(LACAN, 1995); ou quando a linguagem metaforiza os mesmos dilemas de amores

penetra e exaure o próprio veio criativo da amizade. Dessa forma, ser amigo e pensar se revestem de um modo aparentemente contraditório pelo qual, fazer valer uma amizade, antes de tudo, é seguir com o amigo por zonas de penumbra e de silêncio, pois, agora, não é necessário, nem recomendável, “que se fale com o amigo, que se partilhe lembranças com ele, mas, ao contrário, é com ele que se passa por provas como amnésia, a afasia, necessárias a todo pensamento” (Deleuze, 2003, p. 307). “(Cardoso Jr., 2007)

impossíveis, de corpos efêmeros que passam pelas ruas e se olha apenas pela janela, mas mantendo a presença de seu ideal erótico, de um beijo em seu corpo; ou quando as palavras não se formam e sua atividade no grupo é apenas escrever letras (a a a, b b b, r r r), e na sua comunicação possui dificuldades de brincar com a mentira. Cada participante possui seu estilo, sua forma de gaguejar e também sua potência de desvio. Todos possuímos particularidades ainda não formadas, e que só se inscrevem a partir da partilha. É pelo ser no outro que constituímos o que se é.¹²

“Amparar o outro na queda: não para evitar que caia, nem para que finja que a queda não existe ou tente anestesiá-lo os seus efeitos, mas sim para que possa entregar-se ao caos e dele extrair uma nova existência. Amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ela se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem da entrega” (ROLNIK, 1994, p. 8). (Apud. SADE, FERRAZ, ROCHA, 2013)

A potência clínica Ateliê não está em uma simples produção de relatos da vida e seus sintomas bons ou ruins. Notamos, como um dos fatores mais importantes, a construção de uma confiança, do qual o sujeito se cria na condição de coletivo. Permitir que outra pessoa leia o seu texto, e que outros escutem o que ele tem para dizer, e que todos desenvolvam a escuta mesmo para aqueles que possuem maior dificuldade de estarem em um grupo. É um grupo em que pessoas muito diferentes participam e, mesmo assim, elas se sentem à vontade para perguntar ao seu colega se está bem, a ter o cuidado com os outros e permitir ser cuidado, a receber um conselho, e compartilharem suas dificuldades. Às vezes, em um campo intensivo e sutil, alguma coisa dispara um sentimento ruim que abala um ou mais participantes. Enquanto coordenadores do grupo, formamos uma equipe da qual um de nós pode dar uma atenção especial a quem gostaria de se retirar, para oferecer uma escuta.

Abrimos nossa potência de ação ao indeterminado, pois confiamos na nossa capacidade de criação e resolução de problemas a partir da amizade e do método intuitivo (MACIEL, 2007). Auerives Maciel, em seu artigo “Clínica, Indeterminação e Biopoder”, exprime bem essa associação do pensamento do filósofo Henri Bergson com a Clínica.

¹² “O Dasein partilha com os outros o espaço que circunda. Em sua ocupação ele se encontra a si mesmo aos outros. De fato, nesta possibilidade de ser-com-os-outros, “o estar-só do Dasein é ser-com no mundo (...). O próprio Dasein só é na medida em que possui a estrutura essencial de ser-com, enquanto co-Dasein que vem ao encontro dos outros. (Ser e Tempo, p.171)”(ROBERTO, 2009)

Para Bergson, a evolução pode ser criadora apenas pela vazão de uma zona de indeterminação entre o estímulo e a resposta de uma ação. As espécies animais assim se distinguiram quando essa relação com os estímulos do mundo foi se tornando cada vez mais complexa, ao ponto de constar no animal humano uma das maiores potências de agir a partir da imprevisibilidade de suas reações. Levamos esse pensamento para a clínica quando tratamos o sintoma não a partir de associações prontas, que muitas vezes conduzem o sujeito a repetir a sua doença. Abrir uma zona de indeterminação a partir de um estímulo de dor, angústia, paranoia, ou qualquer sofrimento psíquico, exprime uma capacidade inventiva perpassada pelo tempo de criação. A partir do tempo de uma demora, da hesitação, que podemos absorver outros estímulos compostos no ambiente e vincular as nossas atitudes não por um modo instintivo (apenas reativo) ou intelectual (apenas associativo), mas sim intuitivo (ou seja, invocando percepções além do que já está dado pelo meio ambiente). Dessa maneira abrimos nossos afetos para uma zona de composição, onde a criação e a confiança estabelecem um tempo de fluxos e processos singulares, levando os sintomas dos sujeitos ao desvio e a ressignificação de suas patologias.

Misturados entre pacientes internos do HPSP e usuário do Sistema de Saúde, o grupo busca cuidar de seus participantes. Percebemos pela participação da interna de longa duração (há mais de 40 anos vivendo no hospital), que concomitante com sua mudança de convívio social foi a sua transformação dentro do Ateliê de Escrita. Sendo apenas escritora de letras, seus cadernos são preenchidos por caligrafias. Reclama que gostaria de aprender a escrever e já está há mais de um ano participando. Nas primeiras vezes, falava bastante durante os encontros, testando a paciência dos outros participantes, que entendiam que ela é uma “história viva” do hospital; ela é uma das poucas pacientes antigas, que veio do interior do estado do RS para ter sua primeira internação aos 12 anos no HPSP, e, apesar de tudo, consegue se expressar e luta para ganhar uma moradia emancipada do manicômio. A sua insustentabilidade com o grupo refletia algumas violências que sofreu ao longo da vida. Sentava na mesa, escrevia suas palavras e pedia que escrevêssemos (nós “professores”) um bilhete atestando que participou do encontro. Ao longo de um ano, percebemos que ela passou a escutar melhor seus colegas, dando tempo ao silêncio enquanto escrevia, e à demora ao esperar a leitura de todos até o fim do encontro para ir embora. Ela passou a trazer bolachas e maçãs não só para os professores, mas também ofertando para que todos pudessem comer. Não foi a técnica da

escrita que deslocou clinicamente alguns sintomas de sua vida, e sim a seu efeito normativo (CANGUILHIEM, 2009) que a tornou mais tolerante com os outros, que também souberam escutar suas dificuldades e potencializar suas qualidades.

Acreditar no Ateliê de Escrita

“Descrença em um mundo já constituído; crença em um mundo que se faz numa relação de forças sempre imprevisíveis”. (AMARANTE, 2016)

A filosofia de Deleuze nos leva a deslocar o foco de nosso pensamento. Precisamos parar de olhar para a substância, para o valor das coisas, para as perguntas o que ou quanto, para olhar para os acontecimentos e suas maneiras de ação. Como operamos? A operação de uma escrita pode acontecer apesar de seu produto não contabilizar um valor. Precisamos acreditar na potência desse grupo enquanto um acontecimento sempre inovador. Mesmo dentro da repetição de seu horário, de sua sala, ou de seus frequentadores, a surpresa está no encontro. Ela não precisa se consolidar em um escrito a ser publicado, e precisamos acreditar na sua potência de afetação além dos ditames que subjetivam o sujeito, seja enquanto escritor, seja enquanto louco, ou até mesmo, louco-escritor. É um processo aberto aos possíveis do qual não se encerra na sua forma de escrita. A proliferação do contágio dos seus encontros visa a expansão das potências das singularidades dos sujeitos.

No livro “O Averso do Niilismo” (PELBART, 2017), de Peter Pal Pelbart, o filósofo analisa as épocas em que uma subjetividade niilista se encontra em maior vigor, pensando nessa como essencial para a capacidade de criação de valores. Precisamos passar por um momento de destruição, pois eles fazem parte da vida, no entanto não podemos nos deixar levar pela “onda” niilista. O Capitalismo é um sistema econômico que visa a desterritorialização de todos os valores consagrados e a axiomatização de seus objetos dentro do modelo monetário global. Ele nos dá a impressão de que os valores estão se extinguindo, o que produz alguns movimentos de extrema territorialização em sistemas de crenças e opiniões que visam padrões rígidos, conservadores. Foucault salienta que a loucura sofre uma tendência a se extinguir ao se conectar com diversos axiomas, da ciência, da arte, do cinema, que passa a se inserir em uma lógica de consumo e de imagem (estética).

Nesse processo de desterritorialização absoluta, passamos a refletir sobre os tipos de niilismo, seja o ativo, passivo, ou reativo, que fundamenta a ética de nossos conceitos e

práticas. Podemos dizer que a postura de Sócrates é de um niilismo negativo em relação à escrita. Para Sócrates na Grécia antiga, era importante para a veracidade do seu discurso não escrever suas falas, pois a escrita poderia ser modificada por eloquências persuasivas dos quais alterariam seu conteúdo e apenas no diálogo entre duas ou mais pessoas seria possível alcançar um conhecimento verdadeiro. Já o niilista reativo não acredita em um valor transcendental, mas ainda acredita fielmente em sua descrença. Sua escrita seria então resumida a “qualquer coisa”, pois escrever não carrega verdade nenhuma mesmo. O desprezo por uma forma clássica o leva a criar um monstro amorfo, do qual apenas reafirma sua descrença e sua postura reativa perante alguma forma. Enquanto o niilista passivo já abriu mão de escrever e passou a ter desgosto pela arte da escrita, analisamos o que Maurice Blanchot chama de “O silêncio de Rimbaud”. Arthur Rimbaud parou sua produção de contos, poemas e relatos aos 19 anos, e sabemos que viveu até os 33. Sua postura é a de um niilista ativo, pois terminou sua produção literária para viver uma outra produção, tornando o silêncio como potência para reinventar a sua vida.

Nosso foco não está no encerramento de um vínculo, mas na compreensão de que estamos sempre passando por diversas fases e o novo, aquele que está fora de nós, há de surgir. Apenas por um ideal evolucionista poderíamos acreditar em uma superação. O que está por vir é um virtual de potências, tendências que serão enfatizadas de acordo com uma comunidade que está por vir (AGAMBEN, 1993). É nos momentos de transição que sentimos com maior vigor a necessidade de tomar posicionamentos, como um ato de resistência contra o que poderá vir a ser. Não se trata de uma postura moralizante, como uma luta binária entre o bem e o mal, representada por um sujeito individualizado interessado na continuidade da sua sobrevivência e de seus privilégios. O futuro a que referimos é o que está além de nós. Será de outros e com certeza terá como plano de fundo outras perspectivas.

O Ateliê de Escrita é um grupo que resguarda a diferença na sua repetição. Por generalidade, os encontros têm acontecido semanalmente, nas quartas feiras à tarde. No entanto, o desejo de participar do Ateliê está além do hábito. Seus frequentadores, por mais assíduos que sejam, não comparecem em todos os encontros. É sempre uma opção, vai quem está afim. Cada pessoa carrega um estilo e uma sensação que é relativa ao que está acontecendo na sua vida. Os encontros podem ser tanto extremamente leves e silenciosos, com toda a paciência para desenvolver uma escrita relaxada, quanto altamente turbulentos, com pessoas em crise, choros e risadas. A imprevisibilidade é um

dos melhores fatores no trabalho com os usuários da saúde mental. O grupo tem a potência de mudar nosso estado de humor, e mesmo passando por tempestades, conseguimos chegar ao final da leitura dos escritos nos sentindo agraciados pela ressonância das questões entre o grupo.

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. ” (DELEUZE, 1992, p.18). (Apud. SADE, FERRAZ, ROCHA, 2013)

Fazendo uma reflexão sobre o filme “Little Forest” (2018), podemos comparar sua questão com a experiência de participar do AE. Floresta Pequena (ou pequeno bosque) é um mangá japonês adaptado em filme no Japão (2014) e na Coreia do Sul (2018). Ele narra a história de uma jovem que está se desprendendo dos laços de sua mãe e buscando um caminho para sua vida. Cada trecho de seu filme é narrado com uma receita de uma comida, que contém as propriedades do ambiente que está vivendo, da estação do ano e daquilo que pode ser colhido e plantado. A memória das receitas cozinhadas por sua mãe ressoa como um ensinamento *a posteriori*, quando já está se tornando adulta e precisa decidir se ficará na cidade grande, Seul, trabalhando para uma empresa, comendo “fast-foods”, ou reviver a sua pequena casa no campo, onde possui poucos amigos, uma rotina que envolve o cultivo da terra e a cozinha. Ela percebe a partir da diferença desses dois espaços que, por mais simples que seja sua vida no campo, cada momento é vivido em sua plenitude, se sentindo conectada com algo muito maior que seu trabalho ou às grandes cidades, pois vive na essência do que seu corpo pode junto com os encontros com a natureza. Ao assistirmos esse filme, pensamos no AE como uma pequena floresta. Cada encontro com esse grupo de pessoas, em um espaço singular, sentimos produzindo um corpo muito maior, e o momento é vivido em sua plena intensidade, me situando em um lugar de partilha e de crescimento. É o momento em que sentimos devir com as forças que permeiam a vida. Pelbart (2017) define o pensamento do filósofo Deleuze como uma arte de um “arquiteto zen”. Entre as estrias, os planos concretos que enclausuram e que estigmatizam a vida, os muros são contornados ao se medir como uma criança, que consegue brincar e produzir um novo corpo mesmo onde tudo já parece ter parado. É na

criança que está a vitalidade, e em sua pequena floresta um mundo de “existências mínimas” (LAPOUJADE, 2017).

Acreditar no Ateliê de Escrita é a ideia desse trabalho, que está para além da nossa vivência. É pensar que sua potência de criação poderá atravessar os agouros do tempo e se reinventará de milhares maneiras. Estando abertos para o encontro, havendo uma ou mais pessoas dispostas, ali surgirá um novo Ateliê. Mesmo esse não sendo parecido com o que já fizeram, ou nem podendo chamá-lo mais assim, a experiência que resistirá aos tempos estará refletindo o legado de uma comunidade por vir que acredita na confiança, no respeito à alteridade, e na amizade como fatores principais para aumentar a potência dos afetos. Ela se reconstituirá dos seus altos e baixos como um plano de composição de uma usina abstrata, a todos que se lembrarem que essa experiência já existiu, e que basta uma faísca de iniciativa para acender o fogo da vontade que a manterá ativa, produzindo uma poesia muito além do que encontramos nos livros, pois essa a encontramos inventando a vida.

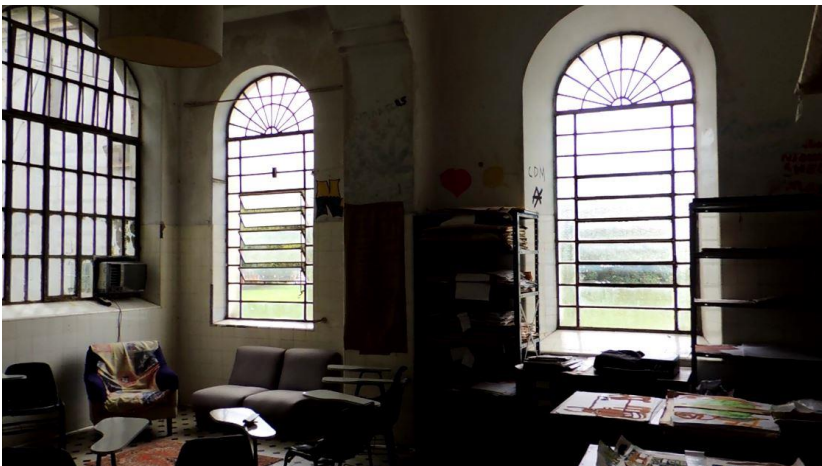
Bibliografia

- **DELEUZE**, Gilles; **GUATTARI**, Felix. **Kafka por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. _____ **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1995. v.1 e 2. _____ **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3. _____ **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1997a. v.4 e 5.
- **DELEUZE**, Gilles. **Diferença e repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- **DELEUZE**, Gilles. **Foucault**. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. Ed. Brasiliense, 2005.
- **DIDI-HUBERMAN**, Georges. **De Semelhança em Semelhança**. Revista Alea, vol. 3, Número 1. Tradução Maria José Werner Salles. Janeiro-Junho 2011
- **MACIEL**, Auterives. **Clínica, Indeterminação e Biopoder**. In. “Direitos Humanos: o que temos a ver com isso?”, Comissão dos Direitos Humanos do CRP- RJ [org.]. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia– RJ, 2007.
- **PELBART**, Peter Pal. **O Averso do Nihilismo**. Edições n-1 2017
- **AMARANTE**, Ana Helena. **As Coisas Não tem Paz: sobre trabalho e acontecimento**. In. Clínicas do trabalho e paradigma estético (org. AMADOR, F. S.; BARROS, M. E. B.; FONSECA, T. M. G.) Ed. UFRGS, 2016
- **CANGUILHEM**, GEORGES. **O Normal e o Patológico**. Trad. Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas; revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. - 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- **MALUFE**, Annita Costa. **Estilo e repetição: Deleuze e algumas poéticas contemporâneas**. Cadernos de Letras (UFRJ) n.26 – jun. 2010.
- **LAPOUJADE**, David. **As Existências Mínimas**. Ed. N-1. 2017.
- **BUENO**, Rinaldo Conde; **PASSOS**, Izabel C Friche. **O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO, O TERRITÓRIO E A AMIZADE: CAMINHOS ENTRE AS CLÍNICAS DA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.8, n.19, p.1-16, 2016.

- **AGAMBEN**, Giorgio. **A Comunidade que Vem**. Trad. Antonio Guerreiro. Ed. Editorial Presença. 1993.
- **RUSSO**, Renato. **Tempo Perdido**. Álbum “Legião Urbana”. 1985
- **COSTA**, Luis Artur. **O fora da arte e a arte do fora: reversões e paradoxos entre cultura e natureza**. In. *Imagens do fora: um arquivo da loucura*. Ed. Sulina, Porto Alegre. 2018.
- **SADE**, Christian; **FERRAZ**, Gustavo Cruz; **ROCHA**, Jerusa Machado. **O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir**. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 281-298, Maio/Ago. 2013
- **OLIVEIRA**, Rejane Pivetta. **Políticas da escrita: a literatura no espaço atelial**. In. *Imagens do fora: um arquivo da loucura*. Ed. Sulina, Porto Alegre. 2018
- **GARAVELO**, Leonardo; **FONSECA**, Tania M. G.. **UMA CLÍNICA DA ESCRITA: EXPERIÊNCIAS COM UM ATELIÊ**. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.8, n.18, p.170-183, 2016
- **PIRES**, Eloiza Gurgel. **Experiência e Linguagem em Walter Benjamin**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 813-828, jul./set. 2014
- **CARDOSO JR.**, Hélio Rebello. (2007). **A amizade como paisagem conceitual e o amigo como personagem conceitual, segundo Deleuze e Guattari**. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 48(115), 33-45. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2007000100003>
- **LACAN**, Jacques. **O Seminário, livro 4. A Relação de Objeto**. Ed. Zahar, 1995.
- **ROBERTO**, Luciano da Silva. **Os modos de ser do “Dasein” a partir da analítica existencial heideggeriana**. fonte: <http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=489> , 2009
- **BERGSON**, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- **FONSECA**, Tania M. G.; **FARINA**, Juliane; **GRAVELO**, Leonardo (ORG) **Exercícios de uma literatura menor: Um Olhar Atelial**. Editora da UFRGS, 2014.

- **TRINDADE,** Rafael. Deleuze, Ritornelo e Jazz. 2015 Fonte: <https://razaoinadequada.com/2017/03/12/deleuze-ritornelo-e-o-jazz/>
 - **FILME: Little Forest.** Diretor: Yim Soon-rye Coréia do Sul, 2018.
 - Figura 1: Sala do Ateliê de Escrita em 2014, compartilhada com a da pesquisa no Acervo de Obras Expressivas. Imagem de autoria própria
 - Figura 2: Um encontro no inverno, do qual armamos a mesa fora da oficina. Imagem de autoria própria
-

Anexos:



(Figura 1) Sala do Ateliê de Escrita em 2014, compartilhada com a da pesquisa no Acervo de Obras Expressivas



(Figura 2) Foto de um encontro no inverno, do qual armamos a mesa fora da oficina.